



PERCEPÇÃO DO MEIO AMBIENTE E GEOGRAFIA

Lívia de Oliveira

Na década de setenta, após ser lançado o livro "*Topofilia*", de Yi-Fu TUAN, desencadeou um interesse pelo como as pessoas percebem o seu redor, o seu meio ambiente; aguçou a curiosidade em saber se a percepção geográfica variava e quanto; e provocou, principalmente, um aumento de estudos e pesquisas sobre o assunto. Para a ciência geográfica foi uma nova abertura, um novo e fértil campo de investigação científica. Coincide, com a nova procura em ciência de se encontrar caminhos para a explicação das relações e porque não se apontar, as reais interações entre Sociedade e Natureza, de uma maneira não tão quantificável, mas, sim qualificável. Coincide, também com a procura de se valorizar e de melhorar as condições da qualidade de vida, de compreender os mecanismos perceptivos e cognitivos que o Homem, quer como indivíduo, quer como grupo, se relaciona com o seu meio ambiente. Esta abertura para o psicológico e para o biológico abriu as janelas para o mundo visual para a Geografia. Foi talvez, o mais recente e dos mais instigantes desafios para os geógrafos.

Surgem, assim, os estudos sobre a então denominada Percepção do Meio Ambiente. Em nível internacional constitui-se na UNESCO, o MAB (Man and Biosphere) - 13, para as questões relacionadas com a Percepção do Meio Ambiente. O grupo de trabalho iniciou sob a direção de Ian Burton e reunia todos os intelectuais e interessados em meio ambiente e percepção. Compreendia pesquisadores, além de geógrafos, de várias áreas tais como: arquitetura, biologia, psicologia, economia, medicina, direito, engenharia, paisagismo. Todos preocupados, não apenas, nas perguntas sobre o meio ambiente, mas principalmente nas respostas. A preocupação precípua não era com o *porque*, mas com o *como*. A consideração primeira foi com a variabilidade das respostas, em termos de: idade, sexo, grau de escolaridade, ocupação profissional, situação sócio-econômica, etc.

As pesquisas compreendiam um leque amplo de interesses voltados para o meio ambiente tais como: percepção de pragas e praguicidas; mensurações de paisagens estéticas; procura de paisagens valorizadas; mensuração de atitudes em relação aos riscos ambientais. Aqui deixamos a informação útil e necessária para pesquisa de campo: "*Guidelines for Field Studies in environmental Perception*", publicado também em francês, sob a égide da MAB Technical Notes 5, preparado em cooperação com SCOPE, da UNESCO, redigido pela geógrafa Anne V. T. WHYTE, saindo em 1977.

Esta obra de Whyte balizou inúmeros estudos aqui, no Brasil, pois como o próprio título denomina e apresenta o papel da percepção ambiental, bem como guias de desenhos de pesquisa e sugestões para posteriores leituras. O grosso da obra trata de métodos e técnicas a serem aplicados no campo, tais como: observando, indagando,

projetando e variando questões, e escutando, registrando e codificando. Termina com o desenho de estudos de campo, tratando de: abordagens, variáveis, processos perceptivos e exemplos de trabalhos. Discute, ainda, sobre critérios e seleções de técnicas de emparelhamento para sistema de variáveis e de condições locais no campo, terminando com pesquisas sobre percepção de impactos ambientais. No final apresenta uma extensa e valiosa bibliografia sobre o assunto.

Embora, a questão básica da percepção do meio ambiente é a tentativa contínua de compreender e explicar as complexas interrelações entre o Homem e a biosfera, sempre permanece a questão de *como* um grupo cultural percebe, quer como indivíduo quer como grupo o seu meio ambiente. Interessa saber quais as decisões e ações que estão implícitas ao serem tomadas as atitudes e proposições, diante desta questão. Sabe-se, perfeitamente, que as respostas, nem sempre são objetivas, mas o mais das vezes são subjetivas, com base em interesses e necessidades mais imediatas, mais prementes, mais prioritárias. Daí, ser preciso incrementar pesquisas com abordagens perceptivas, isto é, que a variável mais relevante seja a percepção do meio ambiente. São inúmeros estudos, tanto em nível internacional, quanto em nacional que já foram realizados sobre vários temas e por vários pesquisadores.

As séries de estudos foram coordenadas pelo Grupo de Trabalho sobre Percepção do Meio Ambiente, do Instituto de Estudos Ambientais, da Universidade de Toronto, pelos doutores Ian Burton e Anne Whyte, sob os auspícios da UNESCO, sob o seu Programa Biosfera, projeto no. 13. As preocupações e as publicações foram divulgadas sob o título: "*Environmental Perception Research*". As pesquisas incluíram monografias sobre: paisagens valorizadas, percepção de pragas e praguicidas, riscos ambientais, atitudes diante de catástrofes (terremotos, furacões, inundações) e da poluição (visual, sonora, do ar, do solo, da água). Estas e outras pesquisas foram abordadas em vários países e com várias pessoas de diferentes culturas. Os resultados foram divulgados em inúmeras publicações.

Outras obras surgiram, ainda, nessa fecunda década de setenta. Os geógrafos como BURTON, KATES e WHYTE (1978), publicaram um texto que se tornou a base para os estudos dos acidentes (*hazards*) do meio ambiente. No mesmo ano, Kates (1978) publica o seu "*Risk Assessment of Environmental Hazard*", ampliando a abordagem perceptiva sobre as questões ambientais, chamando a atenção para a necessidade de se conhecer as respostas dos usuários de diferentes meios culturais e sociais.

Sob a coordenação de TAIT (1979) se realizou, sob a égide da União Geográfica Internacional, um "*workshop*" sobre a percepção das pragas e praguicidas, em Cambridge, Inglaterra, apontando a urgência para o mundo científico, em especial o geográfico, para o uso e o abuso dos praguicidas na agricultura, principalmente no mundo tropical. A preocupação precípua é com os trabalhadores rurais, aqueles que aplicam e manejam os praguicidas, revelando um grau de ignorância de conhecimento de alto nível. Os modelos usados nos fluxos (produção e consumo), em países subdesenvolvidos, com índices altos de analfabetismo e sem possibilidades de obtenção de informações são pobremente compreendidos e quase sem nenhum regulamento como base para proteção dos usuários e dos homens do campo para lidar com esses tóxicos (praguicidas, herbicidas, inseticidas). Até essa década a morte acidental, pela mal aplicação e mal uso, desses agrotóxicos não era registrada nos óbitos ocorridos. Após essa modernização descontrolada e desregulada do emprego de produtos químicos, em geral, na agricultura tropical, a sociedade científica passou a dedicar estudos, principalmente, mensurando e propondo outros modelos, mais adequados às lavouras das regiões úmidas ou secas das faixas tropicais. Os estudos foram específicos na procura das respostas, mediante a percepção ambiental, para se conhecer melhor como os países produtores de praguicidas comercializam (exportam) esses investimentos, procurando medir as atitudes, na prática.

Em 1978, o *Grupo de Trabalho sobre Percepção do Meio Ambiente*, reuniu-se em Ibadan, Nigéria, como parte das atividades da Conferência Regional, da UGI (União Geográfica Internacional). Participaram os pesquisadores sobre a questão, tais como Ian Burton e Anne Whyte (Canadá); David Lowenthal, Tim O'Riordan e Joyce Tait (Inglaterra); Robert Kates e Philip Porter (EUA); Takamasa Nakano (Japão); Julius Oguntoyinbo e Festus Akintola (Nigéria); Livia de Oliveira e Dora A. Romariz (Brasil), e outros países como: Paquistão, Sudão, Níger, Alemanha, Bangladesh, Índia, Tanzânia, Quênia, Lesoto, Moçambique, Irã, África do Sul. As referências para as leituras básicas estavam no livro sobre técnicas de Whyte e "*Space and Place: the perspective of experience*", de TUAN (1977).

Foi assim que entramos em contato com as idéias e as contribuições de Yi-Fu TUAN, geógrafo chinês radicado nos Estados Unidos e professor universitário, com uma bagagem cultural e científica amplas e profundas. Antes de imigrar para a América, viveu alguns anos na França, bebendo nas fontes da geografia francesa, tão rica e tão variada. São inúmeros os livros escritos por Tuan, porém o impacto principal foi talvez dado por sua produção geográfica "*Topophilia: a study of environmental perception, attitudes and values*", de 1974. Ao criar este neologismo chamou a atenção para a afetividade que devemos dedicar ao nosso meio ambiente, mediante a percepção, as atitudes e os valores, converteu em um clássico ímpar, fazendo com que a sua leitura se tornasse obrigatória a todos os interessados pelo nosso planeta Terra. São novas perspectivas que são abertas, não apenas para os geógrafos, mas para todos aqueles preocupados com as questões ambientais: arquitetos, urbanistas, ecólogos, economistas, administradores públicos, juristas, educadores, sociólogos, psicólogos, e mesmo o público em geral. A sua tradução para o português foi de nossa autoria, já em 1980. Alguns anos depois (1983), traduzimos o "*Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*", que se pode afirmar que vem completar as idéias apresentadas na *Topofilia*, sendo muito mais um prólogo à cultura, enfocando questões amplas sobre aptidões, capacidades e necessidades humanas e como a cultura as acentua ou as distorce. Enquanto, topofilia "*é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente (físico). É um conceito difuso, mas concreto como experiência pessoal*", o autor sugere que lugar é segurança, começando pela segurança do bebê no ventre materno, espaço é liberdade, sugerida pela idéia de amplidão, sem amarras. Sentimo-nos apegados ao lugar (casa, bairro, cidade, país), mas desejamos a liberdade, a aventura, o conhecer novos lugares e novas pessoas, que nos leva a explorar e ansiar por outros espaços.

Porém devemos mencionar que já na década de sessenta já assistimos o aparecimento dos precursores da percepção ambiental geográfica. São os trabalhos de LOWENTHAL (1961) que propõem um instrumento de renovação na Geografia, com bases na psicologia, história, na filosofia, que permitiriam o intercâmbio com outras ciências, apesar de ficarem restritos a apenas alguns grupos pequenos de geógrafos. No entanto, a contribuição metodológica veio de um arquiteto, LYNCH(1960), com a publicação de "*The Image of the City*", que realiza uma pesquisa de campo para fundamentar a sua teoria proposta. Aqui é interessante apontar que os resultados ficaram restritos entre geógrafos, demorando tempo para serem "*descobertos*" por arquitetos. Ambos os pesquisadores, Lowenthal e Lynch, se completam. Enquanto este último, procurando as necessidades práticas do desenho urbano procura desenvolver uma metodologia que possa ser aplicada universalmente, o primeiro, desenvolve uma renovação e ampliação do objeto da Geografia.

Já nesta década de sessenta: Tuan, Kates, White, Lowenthal, Saarinen, procuraram trazer para a Geografia as pesquisas realizadas em outras disciplinas acerca da percepção do meio ambiente, durante o 61º Encontro Anual da Associação dos Geógrafos Americanos, em 1965, em Columbus, Ohio. Foram inúmeras publicações, de inúmeros autores, enriquecendo a literatura geográfica, abrindo novos campos de investigações. É nessa década que aflora entre os estudiosos uma

Geografia Humanista, que procura a interdisciplinaridade com a exploração de conceitos subjetivos relativos à paisagem valorizada.

HOLZER (1992:158-186), em sua dissertação de mestrado esclarece a diferenciação entre uma Geografia Humanista e uma Geografia Comportamental. O autor aponta este momento de cisão no início da década de setenta, ficando o tema: "*Percepção Ambiental*" mais usado e aplicado na Geografia Humanista. Enquanto a Geografia Comportamental se dirigia mais para uma Psicologia Behaviorista, com preocupações mais diretas para levantamentos de mercado, pontos locacionais mais valiosos para implantar centros comerciais ou industriais; eram pesquisas, em geral, encomendadas, até mesmo para políticos com necessidade de conhecer com certa antecedência onde se concentravam espacialmente os seus eleitores.

O termo Geografia Humanista foi sugerido por TUAN em 1972 e RELPH, em 1971, sugeriria a denominação Geografia Fenomenológica, com base na Psicologia e na Percepção e nos estudos de Merleau-Ponty e Bachelard. Mas esta última não vingou, sendo, hoje, mais aceita e usada a Geografia Humanista. Outro nome de destaque é o de BUTTIMER (1974), que tratou das perspectivas sociológicas nos valores geográficos, avaliando as tradições das idéias de um ponto de vista filosófico, até, então aceitas na Geografia. Trabalha, também, com um olhar crítico, tecendo considerações sobre o existencialismo e o fenomenologismo no futuro da Geografia, que naturalmente contribui na direção do social como base de nossas investigações. Estas proposições de Buttimer vêm de encontro às proposições de Tuan, em pensar as relações Homem/Natureza como topofílicas. Estas noções conduzem às antípodas: topofóbicas. É claro, que se há uma topofilia, naturalmente há uma topofobia, assim como um topocídio. Estes vocábulos foram aplicados com muita objetividade e acerto na tradução das respostas que o Homem, quer como indivíduo, quer como grupo atribui às suas percepções ambientais das paisagens. Aliás, esse interesse pela paisagem voltou a baila na Geografia Humanista, só que em outro nível, não apenas descritivo ou fotográfico. A paisagem se torna importante na leitura urbana, na percepção geográfica. MEINING (1979), chega a propor várias maneiras de se avaliar uma paisagem, tais como: natureza, habitat, sistema, problema, custo, ideologia, história, lugar, estética.

BLEY (1990), em sua cuidadosa tese de doutorado discorre sobre o vocábulo *paisagem*, tecendo considerações sobre o seu sentido e emprego em diversas línguas, lembra que como as coisas e as palavras se renovam ao decorrer os anos, passando a assumir novos significados. Para o grego é a mesma palavra que indica país, significando espaço e não divisão político-administrativa, ao passo que no latim não se conhece um termo correspondente. A expressão "*amoenitas locorum*" foi empregada por Cícero para indicar *paisagem*, que quer dizer ameno ou deleitável, envolvendo um fator qualitativo. No entanto, as línguas neo-latinas contam com um termo específico, inclusive na portuguesa. Assim temos *paisage*, na espanhola; *paesàgio*, na italiana; e *paysage*, na francesa. Em todas essas línguas se apresentam com o mesmo significado, com pequenas variações: algumas vezes como espaço regional e outras com conotação ligada à Arte. Para as línguas anglo-germânicas, o radical é outro: em inglês - *landscape*, e em alemão - *landschaft*. Tanto um como outro vocábulo influi o etimo *land*, significando terra natural, cenário, e outrossim, um tipo de pintura ou de fotografia, que lida com o figurativo. Como a palavra é de origem germânica, também tem o mesmo sentido no alemão, podendo ser usado como sinônimo de região.

Nesta década, inicialmente, na setenta e ampliando-se nas subseqüentes, a tradição de estudos da paisagem se reconcilia com a análise geográfica científica, com os novos paradigmas aceitos pelos geógrafos modernos. De início, a preocupação é com a redefinição da noção de paisagem, estabelecendo uma relação mais íntima entre a paisagem e a Geografia, não se restringindo ao âmbito da Natureza, ao contrário se estendendo ao ser humano, com consciência, afetividade e conhecimento crítico. Esta definição, coloca o Homem no centro da paisagem, como parte integrante ,

como expressão de maneiras de viver e de integrar com os diferentes meios: natural, social, psicológico, cultural, histórico, como parte de um todo e um todo de partes.

O artigo de COLLOT (1968) coloca o sujeito, não se limitando a receber passivamente os dados sensoriais, mas organizando, estruturando, dando-lhes sentido, significado. O autor reconhece três elementos essenciais: a idéia de ponto de vista, a de parte e a de unidade ou conjunto. Deve-se considerar a paisagem inseparável da observação, da cognição. Por não ser possível "*ver tudo*" é que a paisagem se constitui uma totalidade coerente. Na paisagem o sujeito e o objeto são inseparáveis, não apenas porque o objeto espacial é constituído pelo sujeito, mas, também, porque o sujeito está envolvido pela paisagem; isto é, o sujeito está envolvido por e está dentro da paisagem.

Ainda, dentro das colocações e durante toda a década de setenta e oitenta foi se delimitando um campo novo na Geografia - a Humanista, como resultado de um processo de revisão e renovação dos conceitos filosóficos geográficos. Com as próprias palavras de HOLZER (1992: 235): "*assim como a Geografia Radical foi uma síntese de idéias anarquistas, estruturatistas e marxistas, a Geografia humanista foi uma síntese da fenomenologia e existencialismo com pinceladas do idealismo, do pragmatismo ou interacionismo e do estruturalismo*". Sempre tendo como categoria escolhida a espacial, a mais adequada para uma análise sendo o lugar e também o não-lugar. Hoje tão comum como denominação de "*idades artificiais*", criadas com o simples intuito de recreação para o lazer. Podemos lembrar a cidade do jogo e dos espetáculos, *Las Vegas*; a cidade do entretenimento, para crianças, jovens e adultos e por que não para velhos, *Orlando*; a cidade do sol e do exótico, *Suncity*. Todas estas e outras foram planejadas, selecionados os sítios e países.

RELPH (1976), apropriadamente intitulou o seu livro "*Place and Placelessness*", procurando diferenciar as experiências com lugar e espaço, apontando seis tipos de espaço do: pragmático ou primitivo, perceptivo (relacionado com o percepto), arquitetônico, planejado, cognitivo (relacionado com o constructo) e lógico. Neste caso, o lugar é um modo particular de relacionar as diversas experiências do espaço, definidas como espaço vivido, de lugares existenciais e perceptivos. Não se pode confundir o lugar com a paisagem. Lembra, então que o lugar é o familiar, e a experiência com a paisagem é a observada.

Um espaço se torna lugar com a experiência contínua e cotidiana, tanto em nível do indivíduo, tanto do grupo. Por isso, o lar, a casa constitui o centro mais profundo da existência, do viver; é o significado essencial do ser humano. É o cenário de nossas ações, o contexto de nossos objetos e nossos significados. Pode-se dizer que a consciência não é simplesmente de alguma coisa, de algo em seu lugar. O lugar possui identidade, podendo ser resumida em três atributos: traços físicos, funções observáveis e significados ou símbolos. Daí poder se distinguir o autêntico sentido do lugar, do não-lugar. Enquanto o primeiro vem da experiência direta e genuína que forma o lugar de maneira complexa e dinâmica e não pode ser distorcida ou alienada por maneiras sociais ou intelectuais; o segundo está ligado à inautenticidade, sendo manifestada mediante atitudes e ações de massa, características de sociedades industrializadas, ligadas ao desenvolvimento turístico, encarado como indústria do lazer, tão própria do século vinte. Assim, Relph reconhece uma Geografia do Lugar e outra do Não-Lugar. Nesta se apresenta de maneira crescente, mais poderosa, mais disseminada e representa em escala atual uma destruição e da reocupação dos lugares; pois naquela a tendência é incerta, sem localização fixa e persistência de traços de forma identificável, em termos de experiência comunitária e pessoal.

Retomamos as conclusões apresentadas por HOLZER(1992: 322-326), em sua dissertação, sobre a melhor tradução de "*Humanistic Geography*" empregada em inglês, que seria de "*Geografia Humanista*", em português. Em suas palavras, lembra que *humanista*, em português é *adjetivo*, associado ao substantivo HUMANISTA, que por sua vez é associado ao Humanismo filosófico e ao estudo das Humanidades. O

termo HUMANISTA indica uma corrente da Geografia diferenciada da Geografia Positivista, e é claro, que não se aceita em português uma Geografia Positivística. As conclusões do autor e sua proposição são muito bem defendida e faz considerações com base etimológica e epistemológica ao utilizar o termo "*GEOGRAFIA HUMANISTA*". Conclui, assim, que tanto a geografia francesa quanto a anglo-saxônica já estão consolidadas, e integram a história contemporânea da Geografia. Pois, não poderíamos estudar as categorias espaciais da paisagem ou do lugar, enquanto conceitos e noções sobre espacialidade construída pelo indivíduo ou pelo grupo, a partir da experiência espaço-temporal. Nessa Geografia Humanista surgiu uma nova ética dos direitos, não só do Homem, como da Natureza; de uma nova epistemologia, construindo um conhecimento mais completo, mais holístico; de uma nova ontologia, considerando o objeto mais subjetivo, mais integrado ao sujeito; e de uma nova visão do mundo, procurando a lógica desta sociedade pautada pelo mercado produção-consumo. A Geografia Humanista trouxe novas luzes e abriu novas possibilidades para a compreensão e se encontrar as respostas para a construção de valores e atitudes para se enfrentar os novos desafios que se instalam a cada momento. Os desafios atuais são: a crença infalível na ciência e na tecnologia; a coletividade baseada nos pressupostos insensíveis nas estruturas sociais; e erguer um edifício fundamentado na nova ética das relações humanas e ambientais.

Nestas buscas destes desafios é que iniciamos as nossas orientações no Programa em nível de Pós-Graduação em Geografia, no Instituto de Geociências e Ciências Exatas, na UNESP, de Rio Claro, já em fins da década de setenta, ministrando as disciplinas em 1977, com as denominações "*Percepção do Meio Ambiente*" e "*Epistemologia e História da Geografia*".

No curso de Pós-Graduação em Geografia, talvez, nós sejamos a primeira docente universitária, a estruturar e ministrar uma disciplina sobre esse tema, já em 1977. Dentre os assuntos abordados, selecionamos alguns estudos sobre percepção propriamente dita, procurando mostrar a interdisciplinaridade de tal tema. A Psicologia adotada para fundamentar e definir a *percepção* foi a de Jean Piaget, por considerar a teoria cognitiva genética a mais abrangente e mais adequada aos estudos espaciais geográficos. A abordagem psicológica piagetiana foi adotada para explicar as noções de atividade perceptiva e conhecimento. Estas foram trabalhadas como mundo visual, como propõe GIBSON (1950). Naturalmente se fez necessário rever as noções de espaço geográfico, bem como a natureza e o papel da imagem mental, na representação geográfica. O meio ambiente (natural e social) foi tratado como um todo, holística e sistemicamente. As respostas e atitudes ambientais, bem como as preferências e os valores foram estudados dentro da visão humanista da Geografia. Foi dado ênfase às pesquisas já realizadas por inúmeros autores sobre: riscos ambientais (pragas e praguicidas), paisagem valorizada, qualidade de vida, percepção urbana, responsabilidade de planejadores, legisladores e administradores (ambientais). E não poderia ser esquecido os temas mais candentes sobre: espaço e lugar, topofilia/topofobia/topocídio, educação ambiental e percepção geográfica do turismo, tão em moda e tão necessária.

Além de ministrar a disciplina há mais de vinte e cinco anos, no Programa de Pós-Graduação em Geografia, em Rio Claro, também, difundimos o tema "*Percepção do Meio Ambiente*", em outros centros geográficos brasileiros, quer em nível de pós-graduação como em cursos de extensão. Estivemos no Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Santa Maria (RS), Salvador, Florianópolis, Brasília. Porém, o nosso trabalho docente é que permitiu a multiplicação de nossas idéias e assim poder formar uma escola, uma posição epistemológica e ampliar o nosso campo de ação na Geografia. Foram inúmeros congressos e encontros que participamos com comunicações, painéis, mesas-redondas, juntamente com os meus discípulos. Foram as dissertações de mestrado e as teses de doutorado que nos permitiram a ampliar e aprofundar nossas investigações; que nos ensinaram a romper as barreiras da tradição, de ousar, penetrando em outros campos da ciência, mas sempre com os pés bem firmados na

Geografia; de olhar, de pesquisar em outros espaços mas sempre com nossa visão geográfica, sem resvalar para o sociológico, ou econômico, ou mesmo para o psicológico. Nossa orientação docente sempre procurou pautar pelo geográfico, geografizando o espaço, o meio ambiente, o turismo, a psicologia, a ecologia.

Nossas primeiras dissertações de mestrado saíram no início da década de oitenta, em 1982, foram de Lineu Bley, sobre *"Percepção do Espaço Urbano: o Centro de Curitiba"*, da UFPR, Departamento de Geografia, e de Damaris Puga sobre *"Controle das Plantas Daninhas no Algodão: um Estudo de Percepção do Meio Ambiente"*. No ano de 1984, Gilda Maria Cabral Benaduce, da Universidade de Ijuí, RS, desenvolveu uma pesquisa, no mestrado, sobre *"Estudo Geográfico do Processo de Erosão em Alegrete, RS"*. Em um Estágio de Aperfeiçoamento e com uma Bolsa de Iniciação Científica da FAPESP, em 1985, Sebastião B.M.P. Martins, da Geologia, realizou uma pesquisa exaustiva e quase completa um *"Levantamento dos Recursos Naturais do Distrito Espeleológico Arenítico de Altinópolis, SP"*. No ano seguinte, 1986, Rachel Beatriz de Almeida Rolim, também em nível de Estágio de Aperfeiçoamento, desenvolveu uma pesquisa sobre a Praça do Jardim, dentro de uma abordagem de *"Percepção do Espaço Urbano de Rio Claro"*, estagiária esta que vinha da Arquitetura.

Em 1988, Lucy Marion Calderini Philadelpho Machado, do Departamento de Geografia do IGCE, UNESP, de Rio Claro, defende sua tese de doutorado sobre *"A Serra do Mar Paulista: Um Estudo de Paisagem Valorizada"*. Após obter seu grau de doutor pode ser convidada a integrar o Curso de Pós-Graduação em Geografia e assim iniciar em sua carreira docente a orientar, também dentro de nossas proposições e visão de meio ambiente. A Professora Lucy já conta em seu currículo dissertações de mestrado e teses de doutorado já defendidas, sendo assim, surgiu uma segunda geração de pesquisadores, a partir de nosso núcleo despontado no final da década de setenta. Em 1989, uma equipe de professores do Departamento de Geografia, IGCE, UNESP, de Rio Claro, por nós chefiada, partiu para uma expedição científica para a Região de Canudos, BA. O Projeto de Pesquisa foi sobre *"A Paisagem Geográfica de 'Os Sertões'"*, tendo integrado os seguintes pesquisadores: Dra. Lívia de Oliveira, Dra. Lucy Marion C. P. Machado, os mestres Ana Tereza Caceres Cortez (ecóloga) e Adler Guilherme Viadana, e os docentes Solange Terezinha de Lima Ferreira e Fadel David Antonio Filho, os demais todos são geógrafos. O Projeto foi viabilizado com auxílio da FUNDUNESP.

No início da década de noventa, foram aprovados em defesa pública para obtenção do grau de mestre os professores Solange Terezinha de Lima, com a dissertação sobre *"A Percepção Geográfica da Paisagem dos Gerais no 'Grande Sertão: Veredas'"*, do Departamento de Geografia, IGCE, UNESP, de Rio Claro, e Herbe Xavier, da PUC-Minas, Belo Horizonte, pesquisa com o título *"A Observação da Paisagem do Mundo e do Campo Visual Geográfico"*; ambos no ano de 1990. No ano seguinte, 1991, foi a vez de Lineu Bley, do Departamento de Geografia, da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba de defender seu doutorado com a tese *"Morretes: Um Estudo de Paisagem Valorizada"*. No ano de 1994, foi a vez de apresentarem as dissertações de mestrado as seguintes docentes do Departamento de Arquitetura, da UNESP, de Bauru: a professora Paula da Cruz Landim y Goya com o trabalho sobre *"Percepção e Conservação do Patrimônio Ambiental Urbano: a cidade de Bauru"* e a professora Rosío Fernández Baca Salcedo sobre *"O Espaço Urbano do Centro Histórico de Cusco, Peru"*.

Em meados da década de noventa foram mais quatro teses de doutoramento. A advogada e professora Marília Gomes Campos Libório, do Departamento de Planejamento, da Faculdade de Ciência e Tecnologia, da UNESP de Presidente Prudente, com a pesquisa sobre *"Código Florestal Brasileiro: Um Estudo sobre as Relações entre Eficácia e a Valorização da Paisagem Florestal, no Sudoeste Paulista"*, em 1994. A professora Marlene Terezinha Muno Colesanti, do Departamento de Geografia, da Universidade Federal de Uberlândia, MG, com a pesquisa sobre *"Por uma Educação Ambiental: o Parque Sabiá em Uberlândia, MG"*, em 1995. No ano

seguinte, de 1996, dois colegas que já antes foram orientados por nós, voltaram para obter os seus graus de doutor: Solange Terezinha de Lima, com o trabalho sobre *"Paisagens & Ciganos"*, do nosso departamento de Geografia, de Rio Claro, e Herbe Xavier, do Departamento de Geografia, da PUC-Minas, de Belo Horizonte, com *"Percepção Geográfica dos Deslizamentos de Encosta em Áreas de Risco no Município de Belo Horizonte, MG"*.

Ainda, durante o ano de 1996 saiu publicado, em São Paulo, pela Studio-Nobel e Editora da UfsCar, uma coletânea sobre a problemática do meio ambiente pela sua percepção, organizada por Vicente DEL RIO e Livia de OLIVEIRA, designada por *"Percepção Ambiental - A Experiência Brasileira"*. São relatadas diversas pesquisas e suas aplicações, a partir de seus fundamentos teóricos e metodológicos, demonstrando maneiras possíveis de estudar e compreender a percepção ambiental. Os trabalhos apresentados podem ser classificados em três grupos, segundo a natureza de seus aportes. Grupo I: Percepção Ambiental e Projeto, está composto pelos estudos que visam através da aplicabilidade de seus resultados, nortear projetos e intervenções ambientais, sendo de especial interesse para arquitetos e urbanistas. Grupo II: inserem-se os trabalhos que buscam, pela interpretação de fenômenos perceptivos, contribuir para ampliar a compreensão da realidade que cada um de nós constrói interiormente e que configura nosso cotidiano. Grupo III: estão os trabalhos relativos à educação ambiental, onde o exercício da percepção se revela como poderoso instrumento para a interpretação da realidade e formação de sistemas de valores. Em 1999, após esgotada a publicação, saiu uma segunda edição. Neste ano de 2001 esta obra será disponibilizada pela Internet, através da I-Editora. Convém registrar que a obra recebeu o prêmio *"Olga Verjovski"*, em 1995, pelo Instituto de Arquitetos do Brasil, em sua XXXIII premiação anual.

No final da década de noventa saíram mais duas teses de doutoramento: de Vernaide Medeiros Wanderley com um ensaio sobre *"A Pedra do Reino - Sertão Vivido de Ariano Suassuna"*; e de Mirna Lígia Vieira sobre *"Imagem Turística de Itanhaém, Litoral Sul Paulista"*, ambos em 1997.

Ainda, em 1997, foi publicado o livro *"Viagem ao Sertão Brasileiro - Uma Leitura Geo-sócio-Antropológica: Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa"*, escrito e pesquisado por Vernaide WANDERLEY e Eugênia MENEZES, pelo Editorial FUNDARTE, da FUNDAJ, Recife, PE. Estas sertanejas, escritoras e pesquisadoras descortinaram em formas, cores, movimentos e dores, o espaço de três sertões brasileiros, estabelecendo relações topofílicas e uma visão holística, procurando identificar o sertão mediante as categorias Natureza, Família, Poder e Religião/Sobrenatural. Como é um livro ousado, belo e original abre novas perspectivas e leituras. Acompanhamos as escritoras desde o início do despertar o interesse por esses sertões: fomos até o sertão da Paraíba, para compreender a vida do cotidiano, para apreender as nuances do semi-árido, seus tons de castanho. Orientamos sobre a estruturação, apontando as melhores vertentes, para se chegar a *"Três autores, três identidades, três sertões. Um Brasil?"*

Nestes primeiros anos da primeira década do ano dois mil, já estamos orientando um mestrado sobre *"A Percepção e a Cognição Geográfica de São João da Boa Vista: a Escarpa da Mantiqueira"*, com Marlene Fátima Teodoro Colabardini, e um doutorado sobre *"Turismo e Percepção em Brotas, SP"*, com Renata Barrocas.

Assistimos, agora, os doutores por nós formados a continuação de nosso trabalho; foram como filhotes semeados aqui e acolá e por suas vezes se multiplicando, ampliando, atingindo outras plagas, outras gentes, em outros momentos. Consideramos ter realizado um trabalho profícuo e agradável e esperamos ter deixado nosso testemunho, neste espaço geográfico e neste lugar de Rio Claro, entre estes discípulos maravilhosos que desfrutamos todos estes anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAILLY, Antoine. **La Perception de L' Espace Urbain**. Paris: Centre de Recherche d' Urbanisme, 1977.

BLEY, Lineu. **Morretes:Estudo de Paisagem Valorizada**. Rio Claro: IGCE/UNESP, Tese de Doutorado, 1990.

BURTON, Ian; KATES, R. and White, G.F. **The Environemntal as Hazard**. New York: Oxford University Press, 1978.

BUTTNER, Anne. **Values in Geography**. AAG (Resource Paper n.24), 1974.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1982.

COLLOT, Michel. "Points de vie sur la perception des paysages", **L' Espace Geographique**, 15(3): 211-217, 1986.

DARDEL, Eric. **L'Homme et La Terre**. Paris: PUF, 1952.

DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (org) **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo: Studio Nobel, 1996.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GIBSON, James. **The Perception of the Visual World**. Boston: Houghton Mifflin Co., 1950.

HOLZER, Werther. **A Geografia Humanística - sua trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro: UFRJ, dissertação de mestrado, 1992.

Johnston, R.J. **Geografia e Geógrafos: a Geografia Humana Anglo-Americana desde 1945**. São Paulo: DIFEL, 1986.

KATES, Robert. **Risk Assessment of Environmental Hazard**. Chichester: Wiley and Sons, 1978.

LOWENTHAL, David. "Finding Valued Landscapes", **Progress in Human Geography**, 2(3): 373-418.

LYNCH, Kevin. **The Image of the City**. Cambridge: MIT Press, 1960.

MEINING, Donald (ed). **The Interpretation of Ordinary Landscapes**. New York: Oxford University Press, 1979.

OLIVEIRA, Livia. "Que é Geografia", **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, ano 11, n.21 e 22, jan/dez, pp.89-95, 1999.

OLIVEIRA, Livia. Percepção da Paisagem Geográfica: Piaget, Gibson e Tuan, **Geografia**, Rio Claro. Vol.25(2): 05-22, agosto/2000.

PIAGET, Jean. **Les Mecanismes Perceptifs**. Paris: PUF, 1961.

PIAGET, Jean. **Seis Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

POCOCK, D.C.D. "Geography and Literature", **Progress in Human Geography**, 12(1): 87-102, 1988.

RAFFESTIN, Claude. "Du Paysage à L'Espace ou les signes de la Géographie", **HÉRODOTE**, (9); 90-104, 1978.

RELPH , Edward. **Place and Placelessness**. London: Pion. 1976.

SAARINEN, Thomas. **Perception of Environment**. Washington: AAG, 1969.

TAIT, E. Joyce. "The Perception of Pests and Pesticides in Integrated Pest Management", **Working Paper Series N.7**, MAB, 13, UNESCO.

TUAN , Yi-Fu. **Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN , Yi-Fu. **Espaço e Lugar, a Perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

WHYTE, Anne V.T. "Guidelines for Fields Studies in Environmental Perception", **MAB/Technical Notes**, 5. Paris: UNESCO, 1977.

INFORMAÇÕES SOBRE A AUTORA

[\(VOLTAR AO TEXTO\)](#)

Professora Doutora Titular Aposentada do Departamento de Geografia, IGCE, UNESP, Campus de Rio Claro

SUMÁRIO

OLAM - Ciênc. & Tec.

Rio Claro
ISSN 1519-8693

Vol 1

nº 2 p. 14 - 28
www.olam.com.br

Novembro / 2001